

# [Have a nice day!: A Cidade como Anedota]

SHARON MARCUS

Este ensaio explora algumas respostas críticas ao desenvolvimento da cidade capitalista nos últimos tempos, e o modo como tais críticas se encontram circunscritas precisamente pela ideologia a que se opõem. Concentro-me em três livros identificados nas resenhas como representativos da mais provocativa escrita que recentemente se tem feito sobre a cidade de Nova Iorque: *No Lease on Life*, de Lynne Tillman (1998); *Sidewalk*, de Mitchell Duneier (1999); e *Times Square Red, Times Square Blue*, de Samuel Delany (1999).<sup>1</sup> Cada um destes textos desenvolve uma visão utópica da cidade e cada um identifica o capitalismo como o grande obstáculo a essa visão; porém, ao mesmo tempo que gesticulam pela reivindicação de uma cidade melhor, cada um acaba por reproduzir a ideologia capitalista. Dado o livre curso que o capitalismo tem tomado nas últimas décadas, e dado que as cidades são expressões e máquinas do capitalismo, os escritores devem analisar os efeitos do capitalismo de forma a perceberem o que são as cidades. O meu interesse neste artigo está em demonstrar como os escritores falham na análise do capitalismo, ao permitirem que este delimite as suas ideias sobre aquilo que poderiam ser as cidades. Enquanto lugares que fazem confluír um largo número de gente muito diversa para uma proximidade relativamente estreita, as cidades poderiam, mais plausivelmente do que os subúrbios ou as áreas rurais, dar azo a experiências sociais radicais. As cidades poderiam encorajar a formação de alianças entre classes e outras divisões sociais que, em contrapartida, poderiam desafiar as próprias bases para uma distribuição de recursos e de poder.

Para imaginar cidades como entidades que fazem mais do que reproduzir o capitalismo, é necessário inventar alternativas à ideologia capitalista, segundo a qual todas as relações são económicas e direccionadas para a obtenção do lucro e a acumulação de capital. Contudo, a ideologia capitalista tornou-se tão penetrante e influente que até os seus críticos mais astutos acabam muitas vezes por a interiorizarem e reproduzirem os seus valores. Cada um dos escritores em questão critica a cidade contemporânea, e cada crítica pressupõe uma ideia do que poderia ser uma cidade melhor. Tillman quer uma cidade que garanta privacidade e calma; Delany quer uma cidade que permita às pessoas terem sexo seguro, público e informal; finalmente, Duneier quer que o espaço urbano se torne uma ágora na qual as pessoas possam trocar bens e opiniões.

1.

Mitchell Duneier, *Sidewalk*, fotografias de Ovie Carter, posfácio de Hakim Hasan (Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux, 1999); Samuel Delany, *Times Square Red, Times Square Blue* (Nova Iorque: New York University Press, 1999). Lynne Tillman, *No Lease on Life* (New York: Harcourt Brace & Company, 1998).

Como veremos, cada autor justifica as suas modestas propostas recorrendo a aspectos da ideologia capitalista: o espírito empresarial, as noções burguesas de civismo e privacidade, a crença em que as relações humanas se reduzem a relações comerciais. Mesmo os autores progressistas deparam com a impossibilidade de sustentar uma perspectiva de alternativas ao capitalismo. Esta impossibilidade poderá ser classificada como tragédia, na medida em que necessariamente ninguém pode transcender o seu momento histórico, ou como ironia, na medida em que aqueles que optam por criticar o capitalismo acabam por adoptar as suas premissas. A cidade como anedota incarna a ironia que resulta quando o diagnóstico e a cura se tornam sintomas, os problemas são colocados como soluções, e a crítica implode num eco.

Apesar da semelhança do tema focado, as diferenças entre os livros de Tillman, Delany e Duneier são mais óbvias do que as suas similaridades. *No Lease on Life* é um romance experimental pós-moderno, escrito na terceira pessoa mas quase inteiramente centrado numa única personagem, publicado em 1998 pela Harcourt Brace & Company.<sup>2</sup> *No Lease on Life* examina vinte horas na vida de uma mulher branca de meia-idade, Elizabeth Hall, que trabalha em *part-time* como revisora para uma revista de negócios e vive num apartamento de renda média no Manhattan's Lower East Side, perto do Tompkins Square Park. O romance começa com uma anedota e vai sendo pontuado por piadas sobre etnicidade, raça, religião e sexo. No arranque do romance, Elizabeth é acordada às 4 da manhã por um grupo de jovens bêbados na rua — o narrador chama-lhes "débeis mentais" — que atiram latas vazias para os carros, accionando alarmes barulhentos. Ao longo de um dia e uma noite, o narrador vai tecendo simultaneamente o presente e o passado da protagonista, o prédio do seu apartamento, bem como a sua vizinhança. Num modo irresistivelmente obsessivo, o romance descreve os conflitos de Elizabeth com os senhorios e os fiscais que negligenciam o prédio, os drogados que se injectam e cagam na sua entrada sempre aberta, os trabalhadores do correio que trabalham com demasiada lentidão e os vizinhos que fazem demasiado barulho. Descreve ainda as alianças de Elizabeth com a vizinhança, nomeadamente com inquilinos do prédio, gente da rua, drogados e prostitutas, e traça a sua trajetória urbana enquanto vai às compras e se desloca para o trabalho. Escrito em 1998, o romance é propositadamente situado numa sexta-feira, 17 de Junho de 1994, o ano em que Rudolph Giuliani se tornou «mayor» de Nova Iorque, o dia em que os New York Knicks ganharam uma partida de basquete, e a perseguição do Bronco\* branco de O. J. Simpson interrompeu a maior parte da programação televisiva.<sup>3</sup> *Sidewalk*, de Duneier, pertence a uma tradição de etnografia urbana que usa a observação participante para humanizar um conjunto de actores sociais que muitos leitores e habitantes da cidade nunca se dariam ao trabalho de conhecer: a gente que vende livros e revistas na Sixth Avenue em Greenwich Village, a maioria afro-americanos

2.

Análise detalhadamente a trama casa-apartamento em *Apartment Stories: City and Home in Nineteenth-Century Paris and London* (Berkeley: University of California Press, 1999). Escrevi igualmente sobre tramas casa-apartamento nova-iorquinas dos anos 60 em "Placing Rosemary's Baby", *differences* 5.3 (Summer 1993): 121-53.

\*

Ford Bronco — antigo modelo de jeeps da Ford. (N. da T.)

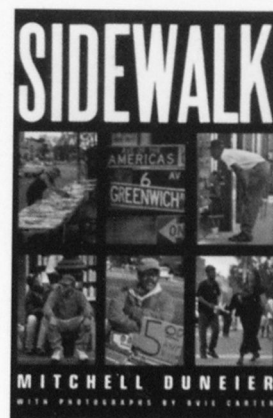
3.

O dia 17 de Junho é também o dia imediatamente a seguir ao «Bloomsday», o dia em que o *Ulisses* de James Joyce se revela; Tillman poderá querer sugerir uma similaridade entre a odisséia urbana de Bloom e a de Elizabeth.

pobres, alguns sem-abrigo, alcoólicos e toxicodependentes. Duneier esforça-se por dar voz a estes homens, transcrevendo demoradamente as suas conversas consigo, uns com os outros, com os clientes e com a polícia. Fornece igualmente interpretações sociológicas dos valores, normas e controlos sociais que demonstra serem estruturantes de acções muitas vezes percepcionadas como desviantes. Como parte do processo de normalização dessas acções para o leitor, ele mostra que estas têm a sua base na lei e por isso sublinha que as mudanças nas leis se traduzem em novos e muitas vezes não intencionais empregos adaptativos da rua. Finalmente, Duneier vê-se a si próprio como um advogado de defesa dos homens sobre quem escreve e nesse papel faz sugestões políticas que ajudariam a apoiar o seu trabalho enquanto "empresários operando numa economia informal", como ele os designa.

*Times Square Red*, *Times Square Blue*, de Samuel Delany, combina memórias, descrições densas, teoria e manifesto. O livro de Delany é uma resposta às políticas que desde os anos 80 eliminaram grande parte do pequeno comércio e dos teatros na Times Square, para criar espaço para torres de escritórios, promovidas como purgas benéficas de actividades sexuais, serviços, produtos e trocas do centro da cidade. Delany procura eliminar a aura de medo e perigo associada à indústria do sexo em Times Square, através da descrição da sua experiência pessoal do que acontece nos teatros que exibem filmes pornográficos heterossexuais, teatros frequentados quase exclusivamente por homens. Tal como Duneier, a sua intenção é a de demonstrar que há regras e protocolos a governar interações que muitos vêem como desviantes e incontroláveis, mas que na verdade correspondem a valores sociais normativos, possuindo valor social. Delany procura intervir na política através de uma atitude ainda mais provocadora do que a de Duneier, com uma proposta de preservação dos locais de encontro de sexo comercial e a sugestão de que as cidades deveriam considerar a criação de espaços comerciais seguros e limpos onde mulheres e homens pudessem ter sexo, o que não seria nem inteiramente privado nem inteiramente público.

Estes três livros são díspares não apenas no género como também no tom e no público a que se destinam. *No Lease on Life* é perturbador, ambíguo e sarcástico, filiando-se numa escrita vanguardista, apesar de publicado por uma editora de grande público e ser finalista do National Book Critics Circle Award. *Sidewalk* é emocionante, sentimental até, sendo as suas recomendações políticas cuidadosamente elaboradas de maneira a atraírem um vasto público. Escrito naquilo a que usualmente se chama um estilo acessível por um sociólogo académico, é publicado, não por uma editora universitária, mas pela editora comercial Farrar, Straus and Giroux. *Times Square Red*, *Times Square Blue* é estimulante, polémico e provocativo, fazendo sugestões que poderão forçar os limites até do público progressista visado pelas colecções da New York University Press's Sexual Cultures. Dadas as suas diferenças, é de espantar que estas três obras recorram à ideologia capitalista, um traço comum evidenciado pela fidelidade partilhada a um

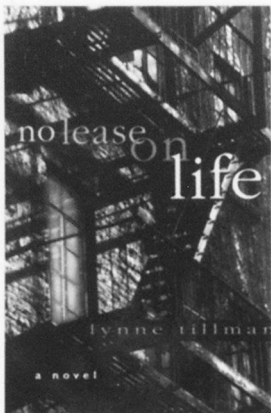


Capa do Livro

*Sidewalk*, de Mitchell Duneier

Nova Iorque: Farrar, Straus and Giroux,

1999



Capa do Livro  
*No Lease on Life*, Lynne Tillman  
New York: Harcourt  
Brace & Company, 1998.

clássico dos estudos urbanos que ultimamente tem usufruído de um renascimento. Não me refiro à recente tradução de *Arcades Project*, de Walter Benjamin, mas a *The Death and Life of Great American Cities*, de Jane Jacobs, publicado pela primeira vez em 1961 como uma refutação dos princípios subjacentes à renovação urbana<sup>4</sup>. A noção de Jacobs de "olhos na cidade" enforma o retrato que Tillman faz da observação e irritação urbana em *No Lease on Life*. Jacobs escreve que, de maneira a tornar a presença de estranhos "um trunfo de segurança", as cidades têm de promover a vigilância pública a partir de lojas e residências; os olhos na cidade pertencem aos seus "proprietários naturais", as pessoas que vivem e trabalham nela. Quando o narrador de *No Lease on Life* explica que Elizabeth nunca mais haveria de "se confrontar... com quem quer que fosse, sozinha na rua" porque ela agora tem "inimigos no bairro" e «quando temos inimigos no nosso bairro, não podemos contar com eles», ela está a articular o princípio segundo o qual um observador na rua só intervirá se tiver a certeza de «ser proprietário da rua e da ajuda que poderá ter se necessária».

Jacobs surge igualmente cedo e explicitamente em *Sidewalk*, quando Duneier explica a origem do livro, situando-a no momento em que simultaneamente começou a levar os vendedores de livros da Sixth Avenue suficientemente a sério para pensar em escrever sobre eles e teve acesso a uma estrutura conceptual para pensar sobre o seu papel na cidade. Numa das primeiras conversas com um vendedor chamado Hakim Hasan, Duneier pergunta a Hasan como se vê a si próprio. Hasan responde: "Sou uma personagem pública". Quando Duneier lhe pergunta o que tal significa, Hasan responde: "Já alguma vez leste *The Death and Life of Great American Cities*?... Encontrarás aí a resposta". Duneier explica que, embora não se lembrasse das palavras de Jacobs em torno das personagens públicas, uma vez remetido ao conceito por Hasan, este tornou-se "central" na maneira como "eu passaria a ver a vida do passeio público deste bairro».

Num uso mais inventivo de *Death and Life*, Samuel Delany baseia a segunda metade do seu livro, "Three, Two, One, Contact: Times Square Red", na noção jacobiana de "contacto", que Delany põe em contraste com as relações em rede. As relações em rede acontecem entre pessoas que se conhecem ou que pertencem à mesma classe; o contacto tem lugar entre estranhos cujos marcadores sociais podem ser bastante diferentes. Jacobs argumenta que as cidades promovem o contacto porque permitem que os estranhos interajam sem renunciarem à sua privacidade, alimentando interações que não requerem grande intimidade e em que podem entrar e sair facilmente. O programa de Delany para o contacto urbano é por um lado de Jacobs e por outro de Walt Whitman: ele enfatiza um contacto de natureza interclássica e demonstra que uma maneira de o promover é alimentando oportunidades de sexo público informal. Alinhando pessoalmente pela afirmação de Jacobs segundo a qual conversas amigáveis e breves entre estranhos são um prazer da vida urbana e que, numa espiral retroactiva, funcionam de modo a tornar a vida urbana cada vez mais prazenteira, Delany estende

4.  
Jane Jacobs, *The Death and Life of Great American Cities* (New York: Vintage Books, 1961).

o contacto até incluir encontros sexuais breves e amigáveis. Como ele próprio coloca a questão: «Se cada encontro sexual envolve levarmos alguém para nossa casa, a actividade sexual numa cidade torna-se ansiosa, barrada pelos limites de classe, e mesquinha nas escolhas. É precisamente por essa razão que são necessários quartos de repouso públicos, *peep shows*\*, filmes de sexo, bares com «gripe rooms»\*\*, e parques com suficiente vegetação, para uma atmosfera relaxada e amistosa numa metrópole democrática”.

Se Jacobs inspirou alguma da mais interessante escrita recente sobre cidades, a atracção que a sua obra exerce sobre estes novos autores também é sintomática da sua incapacidade para se libertarem do estrangulamento causado pelo capitalismo sobre a imaginação e o discurso público. O facto de Jacobs reproduzir a ideologia capitalista não é uma contradição, já que ela não tem a intenção de criticar o efeito do capitalismo na vida da cidade, mas apenas sublinhar os problemas que resultam quando os responsáveis pelo planeamento urbano falham na atenção prestada às actuais práticas dos habitantes da cidade. Jacobs não defende que os processos capitalistas de acumulação e corrida para o lucro influenciam as práticas de planeamento urbano que merecem o seu desacordo. Longe disso; as qualidades urbanas que defende — estabilidade, diversidade, segurança, controlo e ordem social — não estão numa posição de conflito significativo com o capitalismo. Na verdade, a sua linguagem sugere que, em vez de destruir essas qualidades, o capitalismo até poderá promovê-las, uma vez que as metáforas económicas extraídas do capitalismo orientam a sua polémica. A privacidade é “preciosa”, escreve Jacobs: “A privacidade da janela é o bem mais fácil de se obter no mundo”, mas “a privacidade de ter um controlo razoável sobre quem possa fazer incursões no nosso tempo e sobre o momento para isso [é um] raro bem na maior parte deste mundo”. Aqui está o resumo da argumentação de Jacobs: “Um conjunto de oportunidades de todo o tipo de cidade, e a fluidez com que essas oportunidades e escolhas podem ser usadas é um trunfo — não uma desvantagem — para encorajar a estabilidade do bairro. Contudo, este trunfo tem que ser capitalizado”. Bens, oportunidades, fluidez, trunfos, capitalização: a mensagem é a do capitalismo, cuja necessidade de flexibilidade deve ser descrita, não como fonte de destruição e crise, mas como algo que cria estabilidade, uma estabilidade que resulta daquilo que Jacobs ousadamente designa por “redes de vigilância pública”.

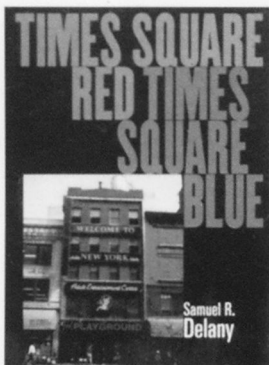
Tillman, Duneier e Delany diferem de Jacobs porque cada um deles adopta um conjunto de posições críticas contra o capitalismo. Tillman afirmou que os seus livros são “sobre limites, e sobre a luta contra esses limites”<sup>5</sup>. Ela inclui o capitalismo como um dos limites contra os quais pugna, comentando numa entrevista que o seu retrato das relações senhorio-inquilino em *No Lease on Life* “poderia muito bem encontrar-se em qualquer boa crítica ao capitalismo”<sup>6</sup>. O seu romance inclui comentários cáusticos sobre o patrão da protagonista, o editor de uma revista de negócios, e sobre a diferença

\*  
Espetáculos de voyeurismo.  
(N. da T.)

\*\*  
Salas de apalpação mútua.  
(N. da T.)

5.  
Peter Nicholls, “A Conversation with Lynne Tillman”, *Textual Practice* 9:2 (1995), 276.

6.  
Entrevista com Lynne Tillman,  
<http://www.raintaxi.com/tillman.htm>



Capa do Livro

*Times Square Red, Times Square Blue,*

Samuel Delany, Nova Iorque: New York

University Press, 1999

entre ricos, classe média e pobres em Nova Iorque, relativamente à polícia, ao sistema de justiça, às prisões e aos serviços sociais. Duneier descreve lisonjeiramente a sociedade dos Estados Unidos como apresentando «elevados níveis de desigualdade económica, racismo, iliteracia, toxicod dependência, e inadequadas transições de hospitais psiquiátricos e prisões para casa e para o trabalho». Exalta a distância da personagem pública relativamente à lógica do dinheiro: a personagem pública toma a responsabilidade sobre os estranhos e, comenta Duneier, "a essência desta responsabilidade é que é algo que se faz sem se ser despedido". Delany consagra um extenso espaço para demonstrar detalhadamente que os planos para remodelar Times Square têm por objectivo, não um melhoramento do bairro, tal como pretendem os seus promotores mas a especulação, a "verdade da alta finança... uma verdade que está na base do capitalismo" — a sua corrida para o lucro sem olhar para mais nada.

Dadas as suas óbvias perspectivas críticas sobre o capitalismo, isto quer dizer que, quando escrevem sobre espaço público, privacidade e civismo urbanos, os três autores se afastam dessa posição crítica ao reproduzirem a ideologia capitalista. Um sintoma dessa reprodução é o uso que fazem da obra de Jacobs; outros sintomas, como adiante veremos, emergem nos seus discursos sobre espaço público, privacidade, civismo e contrato social. Uma maneira de perceber a razão porque o capitalismo é tão inevitável enquanto estrutura conceptual para estes autores é fazermos um exame mais de perto da história que têm em comum — a sua imersão partilhada no capitalismo mais recente de Nova Iorque. Em *The Informational City*, Manuel Castells demonstra que a reestruturação do capitalismo nas últimas três décadas reorganiza os modos de produção de forma a manter inalteráveis as metas do capitalismo: a maximização do lucro e a acumulação de capital<sup>7</sup>. Castells identifica um novo modo informacional de desenvolvimento no qual a informação, não a energia ou o trabalho, se torna a fonte da produtividade. Este modo informacional de desenvolvimento, que está centrado no processamento de informação, aumenta a flexibilidade dos processos produtivos e investe de um novo valor os processos de aculturação que produzem informação assim como as competências necessárias para a processar. Castells é um crítico perseverante deste novo modo de desenvolvimento informacional: "A sua lógica de desenvolvimento polariza a sociedade, segmenta os grupos sociais, isola culturas e segrega os usos de um espaço partilhado". O modo de desenvolvimento informacional intensificou a desigualdade social e a polarização, ao deslocar o poder político do *welfare state* [Estado-providência] que redistribuía a riqueza para um "warfare" state [Estado de guerra] votado a transferir poder do trabalho para o capital, um projecto supervisionado por Ronald Reagan nos anos 80. O capital apropria-se actualmente de uma quota mais elevada de mais-valia da produção, em grande parte pela perda de empregos na indústria ligeira e na manufactura e pela dramática expansão da economia informal e do sector

7.

Manuel Castells, *The Informational City: Information Technology, Economic Restructuring and the Urban — Regional Process* (Oxford: Blackwell, 1989), reimpr. 1995.

de serviços, ambos empregando um vasto número de mulheres não-sindicalizadas, minorias étnicas e imigrantes. Como demonstra Castells, a área em que se registou o maior crescimento de novos empregos, entre 1882 e 1995 foi a das "ocupações pouco qualificadas no sector dos serviços: ...encarregados da construção civil... caixas... secretárias" trabalhadores da restauração e vendedores.

De que modo a reestruturação do capitalismo afectou uma cidade como Nova Iorque? Nova Iorque é um centro global da finança, da banca, dos serviços imobiliários e dos *media*, que viu um correspondente aumento no consumo de serviços relacionados com comida, limpeza e entretenimento. Como tal, tem sido particularmente sujeita às formas de polarização resumidas na expressão "cidade dual"<sup>8</sup>. Como houve um maior fluxo de gente da classe média e alta para a cidade de forma a viverem perto dos seus empregos no sector das finanças e dos *media*, a economia informal de salários baixos explodiu. As cidades alojam, mais ou menos lado a lado, trabalhadores qualificados da economia informacional, que utilizam muitos serviços privados, e um largo número de pessoas que auferem baixos salários, cujos filhos recebem uma fraca educação pública, que falha na sua preparação para empregos na economia informacional.

Como Neil Smith demonstrou, a cidade global do capitalismo informacional, que é também a cidade dual, conduz ao processo espacial chamado "gentrificação"<sup>\*</sup>, que transformou alguns bairros nova-iorquinos incluindo o Soho, o Lower East Side e o Times Square<sup>9</sup>. A gentrificação começa por um desinvestimento num bairro, que cria um fosso entre as rendas actuais e as rendas potenciais. Este fosso encoraja por sua vez a especulação imobiliária, particularmente em áreas que ficam perto de prósperos centros de negócio. Ao fazer subir as rendas e o valor das propriedades, a gentrificação conduz para fora do bairro os residentes mais pobres, substituindo-os por outros mais ricos. A gentrificação tende igualmente a afastar boémios, *beatniks*, *hippies* e artistas, a maioria dos quais tem rendimentos e opções de classe média, mas gosta do meio urbano, precisa de pagar rendas baixas, e opta por viver com gente pobre. Com a gentrificação vem também a reorientação de um bairro para o consumo de bens caros e a oferta de serviços direccionados para residentes mais abastados.

Assim como o capitalismo nos EUA se deslocou da produção de bens para a produção de serviços, o mesmo aconteceu com o espaço urbano e a vida urbana. A gentrificação altera a cidade de modo a adaptá-la ao modo informacional de produção e ao fazê-lo promove "novas e lucrativas formas de consumo", intensificando assim a capitalização e a mercantilização da vida quotidiana.<sup>10</sup> A reprodução do poder laboral da classe média está dependente do consumo de serviços de cozinha, limpeza e guarda de crianças por parte da mesma classe média, serviços estes fornecidos por imigrantes e minorias étnicas. Porque o consumo, e particularmente o consumo de serviços, é tão central para o modo informacional de desenvolvimento, para a cidade dual, e para os bairros gentrificados, onde as relações urbanas assentam cada vez mais em actos de compra

8.

Ver, por exemplo, Saskia Sassen, *The Global City: New York, London, Tokyo* (Princeton: Princeton University Press, 1991); Peter Marcuse, "Dual City": A Muddy Metaphor for a Quartered City", *International Journal of Urban and Regional Research*, 13.4 (December 1989): 697-708; Jonh Mollenkopf and Manuel Castells, eds., *Dual City: Restructuring New York* (New York: Russel Sage Foundation, 1991).

\*

De "gentry": pequena aristocracia. Conceito próximo daquele que designamos por "novo-riquismo". (N. da T.)

9.

Neil Smith, *The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City* (Londres: Routledge, 1996), 6-8. Ver também Neil Smith and Peter Williams, ed. *Gentrification of the City* (Boston: Allen and Unwin, 1986).

10.

Christopher Mele, *Selling the Lower East Side: Culture, Real Estate, and Resistance in New York City* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000).

e venda. À medida que a cidade se vai enchendo de lojas caras e locais de lazer e entretenimento, um número cada vez menor de residentes citadinos tem possibilidade económica para participar naquilo que passou a ser a base da vida social urbana. Como Samuel Delany assinala, o velho Times Square era para as classes trabalhadoras; o novo e gentrificado Times Square é uma área de entretenimento da classe média na qual as classes trabalhadoras são bem-vindas «se puderem pagar e estiverem dispostas a misturar-se». A gentrificação intensifica a mercantilização dos refúgios e espaços urbanos. No seu estudo sobre o Lower East Side, Christopher Mele mostra que, iniciado em finais dos anos 70, "o investimento especulativo foi alimentado, não por uma necessidade ou procura conhecida de unidades de alojamento acessíveis a rendimentos baixos, mas por um consumo precoce de apartamentos e condomínios por "urbanitas de alto nível". Para esses urbanitas de alto nível, afirma Meles, a história do Lower East Side, enquanto bairro pobre que alojava porto-riquenhos, excêntricos e artistas, tornou-se simplesmente mais uma imagem para ser consumida, uma forma de criar modelos distintivos de consumo no seio da classe média.

A ironia da gentrificação tem sido frequentemente relatada: os membros dissidentes da classe média começam a mudar-se para um bairro pobre e assim lançam as bases para o transformarem exactamente no tipo de bairro de classe média que se esforçam por evitar, num processo que acaba por deslocar quer a classe média dissidente quer muitos residentes pobres. Enquanto alguns se esforçaram por distinguir entre boémios que abraçaram os seus bairros pobres e gentrificadores que deliberadamente tentam deslocá-los, tal distinção atribui uma intervenção ilusória a actores individuais que desmente as forças mais vastas condutoras da gentrificação. A anedota da gentrificação é a anedota da crítica falhada, cuja força reside no facto de aqueles que tentam desafiar ou passar por cima do capitalismo acabarem, muitas vezes inadvertidamente, por porem em prática precisamente o seu negócio.

Dos três textos urbanos em discussão, o *No Lease on Life* de Lynne Tillman é o que apresenta com mais auto-consciência a gentrificação como uma anedota acerca do pau de dois bicos em que as questões capitalistas se encontram. O próprio texto está cheio de anedotas, e Tillman adopta uma atitude instável e ambígua que parece ameaçar constante e inquietantemente a sua protagonista de se transformar numa caricatura de um tipo social – a instável gentrificadora em rota descendente *malgré-soi*. Elizabeth possui as qualificações para garantir para si um nicho na economia informacional, trabalhando numa revista de negócios com revisores de provas que, como o narrador explica, são "brancos, licenciados, na sua maior parte inadaptados da classe média que aceitaram empregos inferiores e não são ambiciosos". Será Elizabeth uma heroína da moderna vida urbana ou um agente da polarização urbana? Nas palavras de um crítico, a atitude de Tillman em relação a Elizabeth "permanece um mistério"<sup>11</sup>. Outro observa que o romance retrata uma "vida em que a acção heróica é tão eficaz quanto

## II.

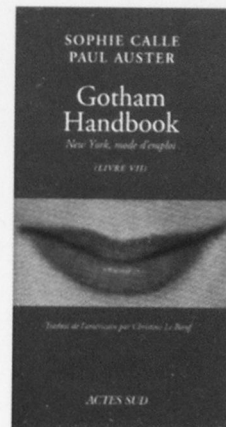
"No Lease on Life", recensão publicada na *Publishers Weekly*, October 6, 1997, 72.



chover no molhado".<sup>12</sup> Uma estrutura que se auto-anula comanda a exploração do romance sobre o que acontece quando as expectativas da classe média se confrontam com as condições da classe trabalhadora na vida urbana, na cidade dual. Elizabeth usa as suas competências processando informação numa batalha contra um injusto aumento da renda; também se enfurece contra a falta de calma e limpeza do seu bairro. Os sinais da indignação cívica de Elizabeth – perante o administrador do prédio que não o limpa apesar de "supostamente ter de o fazer", ou a funcionária dos correios que «supostamente devia apressar o serviço. Em vez disso, estorvava-o» – são precisamente os mesmos sinais de quem se arroga a pertença a uma classe média, pertença que os seus vizinhos menos privilegiados registam: «Ela crescera numa casa nos subúrbios. Nunca aceitaria o facto de às vezes os senhorios não arranjam os prédios com inquilinos a viverem neles». A ironia e neutralidade do romance, acentuadas pela reprodução desenraizada de anedotas nunca claramente atribuídas a nenhum enunciador é entrelaçada por marcas de resistência e de repetição. É por isso impossível decidir se Elizabeth tem um problema com a gentrificação ou é ela mesma o problema da gentrificação.

As arengas de Elizabeth contra a qualidade de vida do seu pobre bairro expõem alguns dos males da gentrificação, mas as suas tiradas exaltam igualmente uma cidade gentrificada que depende do consumo de serviços. A protagonista de Tillman, várias vezes nos é dito, não cozinha, portanto ela e o namorado comem sempre comida comprada nos *take-away*. Detesta o campo pela sua falta de serviços, as suas "cidadezinhas de um só cinema, sem livrarias nem restaurantes". Ao longo do dia, a maioria das suas interações com estranhos envolvem a compra de serviços: compra comida *take-away*, bebe uma cerveja num bar, vai buscar a roupa à lavandaria a seco, compra artigos de mercearia, apanha um táxi. Elizabeth pensa obsessivamente na vida no seu prédio e no seu bairro, e ao longo do dia vai-se envolvendo em acções e conversas cuja intensidade – de interesse, antipatia ou empatia – excede qualquer razoabilidade. Ao mesmo tempo, porém, ela vive numa cidade saturada pelo consumo de serviços, sendo o seu modo de os consumir, mesmo quando faz compras em comerciantes que conhece há anos, limitado por atitudes de uma distanciada educação exemplificadas na fórmula universal "*Have a nice day*" [Tenha um bom dia].

No seu papel de cronistas e polemistas urbanos, Tillman, Delany e Duneier partilham o interesse pelo espaço público e privado. Cada escritor está fascinado pelas interações urbanas que não podem ser facilmente explicadas como efeitos directos de causas económicas, pelo que cada um representa relações que desafiam a polarização urbana e por conseguinte a criação capitalista da cidade dual. Apesar disso, Delany e Tillman, na linha de Jacobs, chamam igualmente a atenção para a importância de se manter uma separação relativamente a estranhos através da



Capa do Livro

*Gotham Handbook*–New York, mode d'emploi

Livre VII, Sophie Calle / Paul Auster

Actes Sud, Paris 1998

12.

"No Lease on Life", recensão publicada na *Kirkus Reviews*, October 1, 1997, 1481.

definição de linhas claras entre espaço público e privado. Em *The Death and Life of Great American Cities*, Jacobs designa a privacidade como um dos mais preciosos atributos da vida citadina. Um bom espaço público urbano permite o contacto entre estranhos e vizinhos sem comprometerem a sua privacidade. Delany segue a crença de Jacobs segundo a qual o contacto só pode prosperar se um nível de privacidade puder ser rigorosamente mantido. A sua descrição de uma série de contactos que faz enquanto sai para um passeio pelo bairro acaba, pois, assim que mete a chave na porta do seu prédio de apartamentos e entra no vestibulo, onde nem o leitor nem os vizinhos o seguem. A sua capacidade para fazer contactos depende do acesso seguro a um espaço onde pode estar a salvo deles – do acesso a um espaço onde nem ele (enquanto narrador) nem os seus leitores entram.

Dada a forte associação histórica entre as divisões público-privado e a ideologia capitalista, não é de surpreender que Delany repetidamente justifique o contacto sexual público contra quem preferia eliminá-lo, demonstrando que este tem valor económico. O contacto promove "a oportunidade" e reduz "a escassez". O contacto entre classes é importante porque produz maiores "recompensas materiais" com maior eficiência do que as relações em rede dentro de uma classe. O contacto pode ter lugar nas cidades porque as cidades são mercados que concentram "necessidades e fornecedores específicos".

Delany quer garantir que os fornecimentos urbanos incluem prazer nos bens que oferecem, mas ao fazê-lo, arrisca-se a enformar o prazer dentro de uma lógica de cálculo capitalista, em vez de o usar como uma alavanca para remover o domínio que o capitalismo exerce nas relações urbanas. A sua frase final invoca aquilo que Delany qualifica como a "verdadeiramente ultrajante metáfora do "capital social... Enquanto as relações em rede podem produzir um rendimento pequeno e estável, o contacto mantém não só o campo social do "aprazível" como proporciona igualmente as interessantíssimas compensações que enchem a vida cosmopolita de maravilha e riqueza". O termo "ultrajante" pode ser tomado em vários sentidos: como paródia, como afectação, ou como a admissão de que a sua metáfora de capital social transforma os desafios do contacto político e social na noção ideológica de risco económico, que é a pedra angular do capitalismo. O facto de usar metáforas que combinam ganhos sociais e económicos conduz Delany a defender o projecto radical de contacto, afirmando que este promove a paz social. Ao tentar persuadir a sua audiência, concebida pela sua retórica como céptica em relação a tudo menos aos valores do mercado livre, Delany repetidamente defende o contacto, não porque este possa levar a uma mudança social estrutural, mas porque ele "estabiliza" – sem que, como especifica Delany, verdadeiramente mude – a relação entre classes, de outra forma em guerra.

Enquanto Delany concebe a existência de uma esfera privada impermeável que admite

sem medo o contacto público, Tillman aponta a erosão de qualquer fronteira entre público e privado, uma erosão que provém do desinvestimento nos bairros pobres. O narrador de Tillman responde ao colapso da fronteira entre privado e público, pela suposição de que a privacidade apenas pode estar segura se o espaço público se tornar mais privado. O narrador descreve com vivacidade o aborrecimento e a raiva sentidos quando um espaço supostamente privado – o apartamento de Elizabeth – é invadido pelo barulho da rua, à qual toda a gente tem acesso a qualquer hora. Elizabeth manifesta-se também contra a falta de privacidade disponível na própria rua, assim como em quase todas as partes do seu prédio. O lixo que devia ser escondido é espalhado pela rua ou vendido no bairro. O seu prédio não tem fechadura na porta principal, de maneira que a gente da rua vai lá para dentro drogar-se, fazer sexo, comer, dormir, e [...] cagar. Encontra merda humana no hall de entrada. À noite, encontra um bêbado no seu patamar, que julga estar a ouvir à sua porta o jogo de basquetebol que ela própria está a ver – uma fantasia que literaliza o modo como a televisão confunde o espaço público com o privado.

Elizabeth passa muito do seu tempo à janela, uma fronteira cuja permeabilidade e abertura ela considera "patéticas" logo na abertura do romance. Quando Elizabeth se imagina a dirigir-se "ao bairro" pela sua boca de fogo, o tema do seu discurso público é "a necessidade de tranquilidade"; quando o seu monólogo interior se vai transformando mais propriamente numa arenga, ela diz àqueles que publicamente expõem o que devia ser privado: "guardem a vossa merda para vocês". A merda, a mais privada das substâncias, deve ser policiada fora da esfera pública. Elizabeth observa que "Depois do ataque dos chuis aos *squatters* [do Tompkins Square Park]... o parque de areia estava limpo de merda quer humana quer de cão. Ninguém se queixou disso". Qualquer pessoa dificilmente defenderia cagar em público, e esse é precisamente o problema do retrato de Tillman da decadência urbana. Os seus termos são tão convincentes ("ninguém se queixou disso") que nos esquecemos de que a solução para o problema que eles esboçam se baseia na compulsão. Elizabeth recorda mordazmente e com uma certa inveja nostálgica como "ela uma vez vira uma mulher a cagar numa cabina telefónica em Wall Street. Os polícias chegaram lá num segundo". Aqueles que têm meios para cagar em privado não querem ter de suportar o desconforto imposto pela visão de outros a cagar em público – uma visão que interpretam como uma invasão da privacidade de quem está a ver. Quando a privacidade permanece o desejo social supremo, mas o espaço privado não se consegue demarcar claramente, o espaço público tem de ser policiado para garantir privacidade em todo o lado.

O facto de a possibilidade de cagar em privado se ter tornado um bem que muitos em Nova Iorque não podem pagar é vivamente ilustrado em *Sidewalk* de Duneier. Duneier, disposto a mudar a visão dos vendedores de passeio como um incómodo público, tenta explicar por que é que estes assumem comportamentos que muitos vêem como

desviantes – por exemplo, mijar e cagar em público. Duneier toma algum tempo a documentar o estado impróprio para uso das casas de banho mais próximas, situadas no Washington Square Park, onde não há lavatórios, as retretes não têm assentos, e há merda nas bordas dos mictórios. Duneier também observa que muitos dos homens têm medo de ir até ao parque para usarem as casas de banho porque a polícia rapidamente toma conta dos produtos dos vendedores assim que deixam as suas bancas, nem que seja por muito pouco tempo. A muitos dos vendedores de passeio é, inclusivamente, negado o acesso às casas de banho nos restaurantes de *fast food* do bairro, onde regularmente se abastecem, porque não correspondem à imagem de cliente que a loja idealiza.

A análise de Duneier coloca Tillman e Delany numa perspectiva crítica. O zelo de Delany em manter o espaço público fluido depende da questão de o espaço privado poder permanecer privado. A heroína de Tillman irrita-se com a permeabilidade das esferas públicas e privadas e esforça-se por garantir privacidade no interior reforçando-a no exterior. Se, com a ajuda da polícia, conseguir tornar o espaço que imediatamente a circunda mais calmo, limpo e decoroso, o seu espaço privado estará menos sujeito a intrusões e exposições indesejadas. Duneier, em contrapartida, mostra que, quando a fronteira entre público e privado se torna vaga, o espaço público se transforma num conjunto de serviços privados que têm de ser comprados, e só podem ser comprados por quem se mostra capaz de pagar o preço da admissão.

A ressurgência das noções de "civismo", "contrato social" e "controlo social" como termos positivos é uma das mais surpreendentes tendências na escrita recente sobre cidades. Há um século atrás, o problema da perda de civismo na cidade estava ligado às noções imperialistas e racistas de degeneração, segundo as quais a cidade era uma selva bárbara e primitiva que se afastava das normas da classe média branca, e as atacava. Actualmente, muitos autores apontam a noção de civismo para afirmarem que a própria classe média branca já não adere às normas da civilização. Em *The Culture of Cities*, Sharon Zukin escreve sobre a perda de "civismo" que ocorre quando a "fragmentação da vida pública" produz medo de violação pelo contacto com outros<sup>13</sup>. Num estudo sobre gentrificação em São Francisco, Rebecca Solnit e Susan Schwartzberg observam que os residentes da cidade que partilham espaço público deviam formar uma comunidade governada pelas regras não escritas dos "contratos sociais", mas que "a civismo da cidade está em queda acelerada" devido a um influxo de residentes da classe média que não entendem essas regras<sup>14</sup>. Apesar de a expressão "contrato social" ter uma história muito específica enquanto pertencente à terminologia da teoria política, autores como Solnit e Schwartzberg usam-na, sensivelmente, para se referirem às obrigações mútuas daqueles que vivem, visitam e governam as cidades. Será a noção de contrato social, uma expressão que rima com intercâmbio económico

13.

Sharon Zukin, *The Cultures of Cities* (Cambridge, Mass.: Blackwell, 1995), 266, 265.

14.

Rebecca Solnit and Susan Schwartzberg, *Hollow City: The Siege of San Francisco and the Crisis of American Urbanism* (Londres: Verso, 2000), 121, 120.

o poder de Estado, compatível com civismo, o qual teoricamente (raramente na prática) se refere a códigos de comportamento entre iguais? A evidência da recente história urbana sugere que o capitalismo e o poder de Estado rompem mais do que consertam os laços sociais. Manuel Castells mostrou que o capitalismo e o "warfare" state destruíram aquilo que ele designa igualmente por contrato social, entendido por ele como a redistribuição de poder efectuada pelo "welfare state". Em Nova Iorque, os Mayors Koch e Giuliani deliberadamente demoliram o Estado-providência e expandiram o Estado policial de modo a abrirem a cidade a uma economia informacional. Esta economia, como escreve Castells, contribui para "a dissolução do tecido social que durante décadas protegeu os assalariados da imposição desenfreada da lógica do capital". Para Neil Smith, "a linguagem da moralidade cívica" é similarmente um estratagema para afastar o poder dos pobres.

Capitalismo e militarismo de Estado destroem os laços sociais equalizadores criados pela redistribuição de poder do Estado-providência; por conseguinte, as suas ideologias não oferecem uma estrutura efectiva de pensamento sobre as cidades enquanto locais de resistência colectiva ao processo urbano de criação de hierarquias de poder ao serviço da economia capitalista. Samuel Delany reconhece-o quando introduz as noções de prazer e conforto na ideia das comunidades sociais criadas pelas cidades. Contra aqueles que querem regular o prazer, que consideram inimigo do contrato social, Delany defende que o desejo nunca está fora da contingência social e que na verdade todas as contingências sociais são geradoras de desejo. Por conseguinte, não só será inútil eliminar o prazer da cidade em nome da segurança social, como o próprio prazer produz comunidades cujos membros podem manter a ordem entre si. Ao mesmo tempo, Delany tem dificuldade em justificar o social sem falar do económico. Ele considera os cinemas porno que encorajam o sexo entre os membros da audiência merecedores de apoio porque "fornecem" uma "função social" e são "instituições" que disponibilizam um "serviço". "Serviço" é um termo ambíguo, que abrange quer o domínio social quer o económico, como fazem muitos dos termos de Delany, e essa ambiguidade disfarça o conflito entre os laços sociais e as "instituições" capitalistas. Como o próprio Delany assinala, as instituições capitalistas são criadas e destruídas pela ganância, e por conseguinte são indiferentes quer ao bem quer ao mal social que produzem. Se o capitalismo é indiferente ao social, então de que serve ao social defender-se a si próprio pelo recurso à crença capitalista de que a felicidade e a comunidade podem comprar-se e vender-se?

Para Lynne Tillman, a força-motriz em jogo na cidade não é o prazer, que pode ser satisfeito, mas a necessidade e o querer, que nunca podem ser saciados: "Ninguém apaga a raiva e a loucura vazia que acende o querer... As pessoas nunca tiveram realmente o que queriam, porque queriam tudo". Consequentemente, *No Lease on Life* adopta uma visão profundamente irónica do contrato social, em que os defensores

do civismo urbano acabam por reforçar a violência e a distribuição desigual do poder contra as quais protestam. As anedotas recorrentes do romance são um emblema desta ironia. O pensamento de Tillman sobre as anedotas evoca Freud, uma das suas referências, para quem a anedota é eminentemente social e pública<sup>15</sup>. As anedotas só são anedotas na condição de serem contadas a um ouvinte, por isso ajudam a formar um público; como Freud afirma, "cada anedota pede o seu próprio público". As anedotas fazem também parte do domínio público a partir do momento que circulam anonimamente, não sendo propriedade de nenhum autor. Como Tillman explica numa entrevista, as anedotas no seu romance "não são contadas por ninguém; são apenas parte do tecido da cidade"<sup>16</sup>. Freud emprega igualmente termos económicos quando descreve as anedotas como geradoras de lucro; o contador oferece ao ouvinte uma anedota, e o ouvinte lucra porque "comprou o prazer da anedota com um custo mínimo da sua parte... O seu prazer corresponde a esta economia". Mas as anedotas em geral, e as de Tillman em particular, são também sobre hostilidade, diatribes, divisão, agressão e exclusão; a maioria das anedotas de Tillman giram em torno das diferenças raciais, sexuais, religiosas e de classe que fendem a cidade de Nova Iorque. Se as anedotas são "parte do tecido da cidade", então, entrelaçadas nessa imagem de unidade, são ataques de e à diferença.

Se nos voltarmos para a intriga do romance, encontramos um tratamento igualmente ambíguo da noção de contrato social. Elizabeth Hall está zangada porque o seu senhorio, o administrador do prédio, alguns dos seus vizinhos e estranhos ao bairro quebram frequentemente as regras daquilo que ela considera ser um contrato social, garantia de limpeza e tranquilidade. O romance repetidas vezes apresenta a solução fantasiada de Elizabeth para esta dissolução do contrato social através do assassinio. "Elizabeth gostava do papel de vigilante, de carrasco do cidadão"; ao longo de uma página da abertura do romance, o narrador escreve: "Elizabeth queria matá-los", materializando seguidamente essa figura de retórica habitualmente vazia com pormenor ansioso ao longo de várias páginas. Elizabeth imagina como levaria a cabo o assassinio, o que diria à polícia que a prenderia, como se dirigiria ao juiz no tribunal, e fantasia comicamente sobre a vida na prisão, que realizaria o seu sonho de privacidade: "Talvez conseguisse ler na prisão. Perguntava a si própria se o ambiente lá seria tranquilo".

Para Elizabeth, o assassinio é o contrato social. Por um lado, o assassinio é uma forma de impor o contrato social aos outros, apropriando-se do poder das instituições que o reforçam. Como assassina, Elizabeth imagina-se assim substituindo a polícia, que nunca vem quando a chama, impondo a ordem social pela acção de matar. Imagina-se a discursar depois de matar um dos homens que atira latas aos carros na rua: "Diria que a sua reacção tinha a ver... com dignidade e com um espaço social, um espaço civil, na verdade um espaço cívico... Elizabeth talvez não cumprisse pena por matar um débil mental. Tinha outra justificação. A sua acção [será] um ataque social". Por outro lado,

15.

Tillman aborda o seu interesse pela psicanálise em Nicholls, 274. Sobre a sociabilidade das anedotas, ver Sigmund Freud, *Jokes and Their Relation to the Unconscious*, trans. and ed. James Strachey (New York, Norton, 1963), 179.

16.

Ron Hogan, "Lynne Tillman in Her Own Words" (1998), <http://www.beatrice.com/interviews/tillman/>.

as fantasias assassinas de Elizabeth têm também que ver com a sua submissão ao contrato social resultante do facto de ter instituições a impor o seu poder sobre ela: "elamataria o tipo... Os chuis seriam chamados. Ela seria levada"; ela diria "Excelentíssimo Senhor Juiz". Mais tarde, enquanto almoçava no mesmo restaurante que um polícia, Elizabeth devaneia: "Não havia grande coisa... entre a sua necessidade de autoridade e a necessidade dele de ser uma autoridade". Imaginar que o assassinio pode reforçar o contrato social é imaginar a violência como base desse contrato; uma vez que a violência está desigualmente concentrada na polícia e no Estado, a fantasia de Elizabeth mostra que o civismo, longe de criar harmonia, é fundamentalmente divisor.

Mitchell Duneier concebe o contrato social e o civismo não como poder policial mas como "controlo social" e "normas sociais". De modo a mostrar que o comportamento que parece desviante na realidade segue uma norma, demonstra que este envolve um nível de controlo social exercido quer nos outros quer em si mesmo. Se, como tantos leitores de *Sidewalk* atestam, o livro contribui para humanizar os seus sujeitos, ele fá-lo pela demonstração de que estes querem aderir a normas e controlos sociais, ser parte do tecido social. Esta imposição de um desejo universal de conformidade torna-se ainda mais problemática quando Duneier repetidamente apresenta a propriedade, a troca económica e o dinheiro como urdidura e trama do tecido social. Por vezes, Duneier critica o modo como, não só o racismo e o desconforto com a diferença, mas também o capitalismo delimitam o que constitui um vínculo social. Como exemplo das atitudes que ele tenta refutar, Duneier cita o conselheiro legal das obras de remodelação de um bairro de negócios da baixa, explicando por que é que os vendedores de passeio devem ser removidos: "Não estão a vender bens de alta qualidade... Não é claro que façam parte do tecido social". Porém, a reacção de Duneier ao longo do livro não se afasta significativamente da assunção de que, para alguém ser parte do tecido social, precisa em primeiro lugar e acima de tudo de vender bens, ganhar dinheiro, e respeitar a propriedade. Está em desacordo com o advogado citado unicamente no que respeita a quanto os bens deveriam custar, quanto dinheiro é preciso ser ganho, e quanto ao estatuto de propriedade de revistas recicladas. Esta adesão fundamental à ideologia capitalista leva-o a descrever qualquer tipo de interacção social em termos económicos. Procurando explicar a razão por que os residentes de classe média da Village não correspondem aos vendedores de passeio com a confiança geralmente concedida às personagens públicas, analisa as conversas que alguns dos homens têm com as mulheres que passam, para explicar por que é as mulheres as considerariam como assédio. Nessas conversas, os homens deliberadamente ignoram fórmulas coloquiais que reconhecem noutras interacções. Duneier traduz esta falha ao nível da comunidade em termos económicos ao chamar-lhe "vandalismo interaccional", uma metáfora que mais uma vez transforma o contacto, a conversação e o civismo numa transacção económica governada pelas leis da propriedade.

A tensão em torno do capitalismo está presente ao longo do livro de Duneier, tornando-se bastante contundente nos parágrafos de conclusão:

*Qualquer sociedade com altos níveis de desigualdade económica, racismo, iliteracia e toxicod dependência, e transições desadequadas de hospitais psiquiátricos e prisões para o trabalho e para casa, terá um vasto número de pessoas sem possibilidade de se conformarem com os requisitos das suas instituições formais. Assim sendo, a resposta correcta da sociedade não é tentar libertar os espaços públicos dos marginais que ela própria contribuiu para produzir. É vital para o bem-estar das cidades com extrema pobreza que haja oportunidades para aqueles que estão neste limiar de se envolverem em negócios de iniciativa pessoal. Haverá sempre pessoas que, confrontadas com condições sociais desencorajantes, desistam. As pessoas que vemos a trabalhar na Sixth Avenue são perseverantes. Estão a tentar não desistir de ter esperança. Deveríamos louvar nelas esta atitude.*

Há algum arrebatamento nas palavras, mas a transição directa que Duneier faz dos "altos níveis de desigualdade económica, racismo, iliteracia e toxicod dependência" para "negócios de iniciativa pessoal" decorre da defesa da venda de passeio como uma forma válida de trabalho para a apresentar como uma solução para problemas sociais estruturais. Mas a venda no passeio provavelmente não será o meio adequado de resolver os problemas de "altos níveis de desigualdade económica, racismo, iliteracia e toxicod dependência". Muita gente tem falta de espírito empreendedor, e aqueles que o têm nunca curarão os males sociais que Duneier diagnostica, quanto mais não seja porque há uma contradição básica entre comunidade social e intercâmbio económico. Como o próprio Duneier mostra, o negócio é uma actividade essencialmente conflitual, na qual o vendedor e o comprador se esforçam por "levar a melhor" um sobre o outro. Como um jogo de perder ou ganhar, portanto, a o negócio de comprar e vender é uma base pobre para produzir civismo e igualdade, ainda que clientes e vendedores automaticamente digam um ao outro "Have a nice day" no fim de cada transacção. O negócio de iniciativa pessoal pode dar às pessoas que trabalham na Sixth Avenue uma esperança muito real e importante, mas será pouca a esperança para a vida da cidade hoje em dia se limitarmos as nossas visões utópicas aos horizontes estabelecidos pelo capitalismo.

Em 1994, apenas alguns meses depois do dia em que *No Lease on Life* tem lugar, a artista Sophie Calle pediu a Paul Auster que lhe fornecesse algumas instruções para viver em Nova Iorque, que ela prometeu cumprir à letra. As suas instruções eram de sorrir e falar para estranhos; dar sandes e cigarros aos sem-abrigo; e de adoptar um espaço público e embelezá-lo como se fosse seu. Calle publicou uma memória descritiva da peça intitulada "Gotham Handbook". Nela, descreve como decorou uma cabina telefónica com flores, postais, um espelho, a equipou com caneta, papel, comida e bebida. Os transeuntes comentavam frequentemente ou que a cabina tinha sido van-



dalizada ou que seria um memorial em honra de alguém morto. Outros escreveram comentários num caderno que Calle deixou dentro da cabina, em que descreviam a decoração como um acto de generosidade. Uma semana depois, um político local do bairro pediu permissão a Calle e no espaço de um dia, as decorações foram retiradas. Calle relata a falta de prazer que sentiu no cumprimento das suas instruções, um desgosto que formaliza fazendo uma contabilidade das tarefas: uma semana depois, aquilo que designa por "balanço total da operação" totaliza 125 sorrisos oferecidos contra 72 recebidos; 22 sandes aceites contra 10 recusadas; 8 maços de cigarros aceites contra 0 recusados, e 154 minutos de conversação. O registo de Calle é uma anedota sobre si própria e sobre os limites da utopia. O registo contabiliza actos que não deviam ser contados, atribui um valor ao que devia ser incalculável, transforma em débitos e créditos actos que deviam passar ao lado de trocas calculadas.

Calle não procura intervir directamente num clima político que se moveu tão profundamente para a direita que até os argumentos progressistas e radicais sentem a necessidade de adoptar valores capitalistas de forma a serem convincentes.

Consequentemente, ela tem a liberdade de brincar não apenas com os limites da generosidade como também com os limites da comunidade criada pelo capitalismo. Como parte do embelezamento da cabina telefónica, ela descreve como cobriu "a sigla NINEX – o nome da companhia telefónica de Nova Iorque – com um póster, de letras pretas sobre fundo verde, onde se lêem as palavras HAVE A NICE DAY... a inevitável expressão americana que pontua cada intercâmbio". Assim, a substituição do símbolo do dólar (NINEX) por outro (HAVE A NICE DAY, impresso no esquema de cores da nota de dólar) é uma anedota sobre o que acontece quando a cidade é concebida unicamente em termos de capital. Como todas as anedotas, ela contém um elemento de agressão, uma agressão que ajuda a deslocar uma proibição ou ultrapassar uma inibição ou dificuldade. Neste caso, a anedota simultaneamente autoriza e desloca uma proibição tornada tão universal que se tornou invisível: a proibição de imaginar um mundo fora do capitalismo, mesmo que seja só a brincar.

Sharon Marcus  
English Department, University of California, Berkeley

TRADUÇÃO  
Raquel Mouta